ENTRE O VAZIO E A ETERNIDADE

OS CONTOS DE RUA NAS MARÉS DO COSMOS

Galáxias de Louça Partida e Outras Conversas do Infinito



VÍTOR RUA

ASOKA MIAU RECORDS · LISBOA · 2026

ENTRE O VAZIO E A ETERNIDADE

Vítor Rua

ENTRE O VAZIO E A ETERNIDADE

Os Contos de Rua nas Marés do Cosmos

Galáxias de Louça Partida e Outras Conversas do Infinito

Vítor Rua

ASOKA MIAU RECORDS · LISBOA · 2026

FICHA TÉCNICA

© 2026 Vítor Rua · Todos os direitos reservados.
Edição: Asoka Miau Records · Lisboa
Revisão linguística: português europeu, norma anterior ao Acordo Ortográfico de 1990
Concepção gráfica e composição: arquitectura editorial para 5 × 8 polegadas
Primeira edição · Impresso sob demanda

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida sem autorização do autor, excepto nos casos previstos na lei.

ÍNDICE

Constelação dos contos

PREFÁCIO	3
01 O Dia em Que o Sol Perdeu o Despertador e os Crocodilos Foram ao Talho	5
02 O Dia em Que o Nada Me Pediu Uma Banana	8
03 Um Pequeno Romance Sobre a Consciência ou A Consciência Sonha Comigo	11
04 O Eco das Máquinas ou O Diário do Futuro Perdido	14
05 O Silêncio das Esferas e o Lamento do Mundo	17
06 O Sonho que a Areia Sussurra: A Jornada do Leão-que-Um-Dia-Foi-Tartaruga	20
07 O Eco dos Likes na Era do Silêncio Digital	23
08 O Labirinto dos Espelhos Quebrados	26
09 A Dança Invisível das Palavras Perdidas	29
10 O Primeiro Poema do Mundo	31
11 Diálogo ao Crepúsculo	33
12 O Homem, o Pinguim e a Baleia que Sabia Cantar Bach	35
13 O Concerto Invisível das Palavras Perdidas	38
14 A Filosofia dos Talheres e o Eco do Lava-Louça	41
15 A Sinfonia das Diferenças no Café da Eternidade	44
16 As Equações Invisíveis da Gravidade: Einstein e o Gato Bowie no Laboratório do Cosmos	48
17 Nos Ladrilhos do Sangue, o Gorila Sussurra à Cidade Perdida	51
18 A Dança Silenciosa Entre o Electrão e o Vírus	55
19 O Esparguete Cósmico e o Elevador do Infinito	58
20 O Elefante Que Sonhava Ser Uma Pulga Que Sonhava Ser Um Elefante	61

PREFÁCIO

Entre Chávenas de Galáxias e Fragmentos do Cosmos

Ao abrir este livro, imagino o leitor sentado numa cozinha imaginária, onde o espaço e o tempo se dissolvem em vapor de chá. Há pratos que flutuam, chávenas que abrigam pequenas galáxias, e uma colher que mexe o infinito no fundo de uma chávena. Se isso parece estranho, bem-vindo ao mundo de Vítor Rua, um contador de histórias que não teme questionar a gravidade enquanto faz um brinde ao absurdo. Este não é um livro para quem procura respostas fáceis.

Aqui, os diálogos são travados entre elefantes presos em elevadores, gatos que debatem física com Einstein, e tigres que filosofam sobre o significado do esparguete cósmico. Cada conto é uma pequena explosão estelar, que tanto ilumina como desafia as sombras da nossa compreensão. Rua escreve como quem sussurra a um cometa. Os seus personagens — sejam humanos, animais, ou até utensílios de cozinha — não estão apenas vivos; estão em constante transformação. Um garfo pode filosofar sobre a sua função no universo antes de ceder a palavra à colher, enquanto uma baleia e um pinguim discutem o lugar do humano no cosmos.

E, no entanto, no meio de toda essa estranheza, há uma verdade palpável: uma ligação profunda com o que nos torna humanos e, simultaneamente, mais do que humanos. A cada página, Rua brinca com o absurdo, mas fá-lo com a seriedade de quem entende que, muitas vezes, é no riso e na leveza que encontramos as maiores revelações. Os seus contos são como viagens oníricas —

às vezes absurdas, às vezes comoventes, sempre imprevisíveis. Se a poesia e a filosofia se encontram numa encruzilhada, o autor está ali, sentado numa poltrona cósmica, a tocar guitarra e a convidar-nos a entrar.

Este livro não é apenas um conjunto de histórias. É um mapa do universo interno e externo, onde as fronteiras entre o real e o imaginário desaparecem. Ao longo destas páginas, descobrirá que os pratos podem contar segredos, que o cosmos cabe num elevador, e que o infinito é tão próximo quanto o fundo de uma chávena. Prepare-se para rir, reflectir, e, acima de tudo, sentir. Porque no mundo de Vítor Rua, tudo é possível, e o impossível é apenas um capítulo à espera de ser escrito. Abra este livro como quem abre uma janela para o cosmos. E cuidado com os pratos.

Eles têm histórias para contar.

Orion Alvorada, Guardião de Espelhos e Ecos do Cosmos

CONTO · 01

O Dia em Que o Sol Perdeu o Despertador e os Crocodilos Foram ao Talho



08:29:32. Hoje o Sol não acordou. Talvez tenha esquecido de activar o despertador no iPhone ou simplesmente ignorado “Wish You Were Here”, a sua música de despertar habitual. No céu, as nuvens assumiram o turno. Já os pássaros, como se soubessem que o Sol estava atrasado, decidiram dormir até mais tarde. Imagino-os a regressar de uma festa numa discoteca secreta de aves, batendo asas ao som de Messiaen. Eu? Acordei às 07:03:56. Peguei no meu livro de Murakami e perdi-me nas suas páginas por algum tempo.

“Porque será que este homem ainda não ganhou um Nobel?” pensei, enquanto passava a mão pelas letras bordadas no meu pijama com o desenho de Hedwig, a coruja do Harry Potter. “Waiting for my letter”, dizia ela, mas nenhuma carta me chegava. Levantei-me, fui à cozinha e preparei um sumo de limão sem açúcar, fiel à minha aversão por adoçantes artificiais. Uma pêra madura piscava-me o olho: “Come-me, estou perfeita!” E assim fiz. Depois, sentei-me à secretária e liguei o computador. Nos e-mails, nada de especial. Pensei em ligar a televisão, mas a minha decisão foi rápida: não.

Ultimamente, tudo o que se vê nas notícias são mísseis balísticos, ameaças nucleares, genocídio em Gaza, e mortes evitáveis em hospitais. É um mundo cheio de ruído e tragédias. Hoje, não vou ligar a televisão. Prefiro a quietude da escrita. Foi então que comecei a lembrar-me do sonho da noite anterior. Estranho, vívido e perturbador. Era uma cidade verdejante, onde as árvores e flores dominavam as ruas. Prédios e estradas existiam, mas estavam camuflados pela vegetação exuberante. Curiosamente, os humanos tinham desaparecido, e no seu lugar, os animais tinham assumido o controlo.

Os passeios eram palco de um desfile inusitado: cisnes riam entre si, pinguins esperavam no semáforo e zebras atravessavam a passadeira com bolsas feitas de uma pele estranha, quase humana. Continuei a caminhar pela avenida, até que um letreiro chamou a minha atenção: “Talho dos Morcegos”. Estranhei o nome, mas algo em mim quis entrar. Lá dentro, encontrei dois crocodilos à espera de serem atendidos por um abutre vestido com um avental branco, manchado de sangue. Um dos crocodilos perguntou: “Hoje tem lombo humano fresquinho?” O abutre respondeu: “Acabadinho de chegar.

Mais fresco do que isto, só se o tivessem morto agora mesmo.” Observei em choque enquanto o abutre afiava a sua faca e começava a cortar fatias finas de um torso humano. A carne brilhava à luz fria do talho, e o cheiro a sangue era avassalador. Saí dali cambaleando, tentando controlar o vómito. Continuei pela avenida, mas o pesadelo não terminava. Um restaurante surgiu à minha frente com um letreiro vermelho que dizia: “Humanos no Churrasco”. O menu estava exposto ao lado da porta: “Coxas de humano ao fricassé — 18 euros; pé guisado — 15 euros; mousse de cócó de bebé — 8 euros.” O grotesco tornou-se insuportável. De repente, acordei.

O som metálico do camião do lixo na rua trouxe-me de volta à realidade. Sentei-me na cama, ainda trémulo, e procurei consolo num dos meus livros. Peguei num exemplar de Arne Naess e folheei as páginas até encontrar a passagem que precisava. Na página 186, li: “Arne Naess, filósofo norueguês e fundador do movimento da ecologia profunda, relatou uma experiência que o levou a adoptar uma postura mais compassiva em relação aos seres vivos. Durante uma observação científica, Naess aplicou ácido a uma pulga através de um microscópio e notou que o insecto se contorcia, aparentando sentir dor.

Este episódio despertou nele uma maior empatia pelos animais, influenciando a sua decisão de adoptar uma dieta vegetariana. Este relato ilustra a sensibilidade de Naess para com todas as formas de vida, alinhando-se com os princípios da ecologia profunda que defendem o respeito intrínseco por todos os seres vivos.” Fechei o livro e respirei fundo. O pesadelo começava a dissipar-se. Apesar de tudo, estas palavras ofereceram-me um raio de esperança. O Sol pode falhar o despertador, mas enquanto houver compaixão e sensibilidade, o mundo ainda terá salvação.

CONTO · 02

O Dia em Que o Nada Me Pediu Uma Banana



Acordei ao som da Gymnopédie n.º 1 de Satie, a flutuar pelo quarto como uma nuvem de melancolia musical. Programada no meu iPhone — porque até o Nada precisa de um despertador decente. Levanto-me, deixo a água do chuveiro desfazer o sono, enquanto os pássaros dão o seu concerto matinal gratuito.

"Obrigado, maestros emplumados", penso, enquanto ensaio mentalmente a minha lista de coisas para... não fazer. Visto-me sem pensar muito: umas calças de ganga que já viveram mais aventuras do que eu, uma T-shirt com os Beatles a atravessarem a Abbey Road e uma camisola azul cobalto que tem o toque da eternidade: pura lã. Pequeno-almoço? Uma banana e um copo de sumo de maracujá, porque até o caos merece um toque tropical. O sol derrama-se pela sala, enquanto me sento

em frente ao computador. E-mails. Respondo aos que merecem resposta.

Os que começam por “Exº Senhor Vítor Manuel” vão directamente para a sombra do esquecimento — cheiram demasiado a marketing, aparelhos auditivos e ofertas de electricidade que juram salvar o planeta enquanto o sugam. Abro o Facebook. Nada. Absolutamente nada para dizer. Um vazio cósmico invade-me o cérebro.

“Com tanto absurdo a rodopiar neste mundo — líderes a brigar por dinheiro e pedaços de terra que não lhes pertencem, eleições ganhas por humanos que se parecem mais com lagostas mal-humoradas — e eu não tenho nada a dizer?” Senti-me uma pulga filosófica, sem cão nem gato para onde saltar. Pensei em John Cage. Claro, o mestre do Nada. Lembrei-me da sua “Conferência sobre Nada”, onde ele dizia: “Estou aqui e não há nada a dizer.” Pois bem, eu também estava ali, a olhar para o ecrã, com nada para oferecer. Mas, ao reflectir, percebi: o Nada não é vazio. O Nada é uma oportunidade.

Tal como o silêncio, que, como músico, sei que é muito mais do que ausência de som. O silêncio é o instante em que te apercebes de que estás a ouvir algo — e é por isso que o silêncio nunca é mudo. O Nada, afinal, é a matéria escura da criatividade. Dantes chamávamos-lhe vácuo, agora sabemos que é algo, só não sabemos bem o quê. Imóvel, a encarar o ecrã, senti um súbito desejo de chocolate. Na cozinha, comi o resto de uma mousse de chocolate negro que tinha sobrevivido à minha gula da véspera. Serotonina, pensei. Ou é dopamina? Ou outra coisa qualquer?

Seja o que for, aquele chocolate deu-me uma explosão química digna de um Big Bang em miniatura. Voltei ao computador. E então, algo incrível aconteceu. Fui

invadido por uma avalanche de pensamentos. Sobre o quê? Sobre Nada. E, nesse momento, tomei uma decisão: não fazer nada. Não escrever. Não preencher o silêncio. E agora, aqui está o paradoxo: este texto, que não escrevi, está a ser lido por ti. Foi o Nada que o escreveu? Ou o chocolate? Seja como for, o Nada agradece a tua atenção.

CONTO · 03

Um Pequeno Romance Sobre a Consciência ou A Consciência Sonha Comigo



Não sei que estou a sonhar. Como poderia? Nem sei se estou consciente ou se esta existência não é mais do que um delírio. Mas agora que penso nisso — e pensar implica consciência, não é? –, apercebo-me que algo está aqui, em mim, a pensar na Consciência. Eis-me a divagar sobre ela, recordando páginas lidas em noites insones, onde filósofos e cientistas discutem, ora em desacordo, ora como aliados. Vem-me à mente o cientista Eddington, que, numa frase elegante e húmida de metáfora, descreve a ciência e a filosofia como dois túneis, escavados de lados opostos da montanha do saber. O que importa, dizia ele, é não confundir as entradas.

E eu aqui, a confundir tudo. Que tem isto a ver com a Consciência? Ah, a questão não é saber se a Consciência existe, mas onde ela repousa. Entre dualistas, materialistas e pampsiquistas, quem carrega a verdade? Os dualistas, imagino-os como mestres da separação: mente aqui, corpo ali. Pensam eles que a mente, leve e incorpórea, dança acima do cérebro, sem jamais tocar-lhe. Já os materialistas, mais pesados, crêem que tudo é matéria, que a consciência não passa de um truque químico entre neurónios em sinapse.

E depois vêm os pampsiquistas — e é aqui que o meu coração pousa –, a sugerir que a consciência é fundamental, talvez tão universal quanto a gravidade, em tudo presente, mesmo num átomo, mesmo numa pulga. E é nessa altura que, neste sonho que não sei que sonho, alguém me interrompe: “Rua, achas que uma meia tem consciência?” Eles riem, rebolam pelo chão com o absurdo da pergunta. Mas eu, sereno, respondo: “Não, caros amigos. Mas talvez os electrões na meia saibam algo que nós não sabemos.” O riso desaparece. O silêncio deles é profundo, mas não tão profundo quanto o som que ouço ao longe.

Primeiro parece-me “Music for Airports”, do genial Brian Eno. Depois apercebo-me que é o som do meu despertador. E, num piscar de olhos, o sonho evapora-se. Acordo. Estou na cama. A gata Alva olha-me com uma expressão que só os gatos sabem fazer: “E não achas que já é hora de me dares de comer?” “Sim, Alva”, digo.

“Tens razão.” Levanto-me, pego nos biscoitos e entrego-lhe a pequena oferenda matinal. O meu cão, Young Yang, levanta o focinho do seu próprio sonho e, sem palavras, envia- me a sua pergunta telepática: “Já é hora do nosso passeio?” Sorrio. “Ainda não, meu caro Young. Primeiro preciso de me lavar e vestir.” E então

percebo. Tomei consciência de que sonhei sobre a Consciência. E, ao fazê-lo, parece que todo o Universo soube que eu tomei consciência dele.

CONTO · 04

O Eco das Máquinas ou O Diário do Futuro Perdido



A manhã derramava-se como um líquido dourado sobre a cidade, filtrando-se pelas persianas da janela do pequeno apartamento. Era uma luz preguiçosa, a mesma que acompanhava os despertares de Alex, que tinha o estranho hábito de conversar consigo mesmo sobre coisas que ninguém mais parecia pensar. Naquela manhã em particular, com uma chávena de café na mão, deixou a mente vagar sobre um pensamento inquietante: “a escrita é uma tecnologia.” Este pensamento veio como um sussurro distante, algo entre um eco ancestral e uma memória roubada. Alex lembrou-se de histórias que ouvira — ou lera, em páginas esquecidas. Contavam que, no início, a escrita fora vista como uma ameaça.

Não porque fosse difícil ou incompreensível, mas porque parecia um inimigo subtil da memória. “Guardar

palavras em pedras ou papiros", diziam os críticos da época, "tornará os humanos esquecidos de si mesmos." Como se cada letra gravada apagasse um pedaço de alma. Alex riu, sozinho no silêncio do apartamento, porque o argumento soava estranhamente familiar. Sempre houve velhos do Restelo, pensou. Pessoas que, ao longo da história, temeram o novo como quem teme um lobo na noite. Quando Gutenberg trouxe a prensa ao mundo, os poetas clamaram que o fim das tradições orais estava próximo. Quando as câmaras fotográficas surgiram, artistas temeram pelo destino da pintura.

E agora, na era dos algoritmos, o receio voltava a rodopiar no ar como uma tempestade iminente. "O osso", murmurou Alex, virando-se para o ecrã do computador. Stanley Kubrick e Arthur C. Clarke tinham compreendido. No seu "2001: Odisseia no Espaço", o osso não era apenas um instrumento — era uma transgressão, um divisor de águas. Uma tecnologia que poderia alimentar ou matar. A IA, pensou Alex, enquanto os dedos tamborilavam o teclado, "é o osso do nosso tempo." Levantou-se e foi até à estante. Tocou nos livros alinhados, cada um deles uma relíquia de antigas "ameaças tecnológicas". A escrita que não destruiu a memória, mas a ampliou.

A fotografia que não apagou a pintura, mas a desafiou a evoluir. Até mesmo as calculadoras, vilãs de professores de matemática, tinham libertado gerações de operações tediosas. No entanto, a IA era diferente. Mais poderosa. Mais assustadora. Mais... humana. Alex sentou-se novamente, permitindo-se imaginar o futuro. Um mundo onde a IA diagnostica doenças antes que os sintomas surjam, onde projecta sistemas para alimentar populações inteiras, onde ajuda a replantar florestas e recuperar oceanos. Era um mundo onde a Humanidade poderia encontrar o seu equilíbrio — se tivesse

sabedoria para o fazer. Mas então veio a dúvida, escura e lenta como uma sombra. A IA não é apenas ciência; é um espelho.

E o que acontece quando colocamos nas suas mãos a nossa parte mais sombria? Já imaginava notícias de sistemas que priorizavam lucros em vez de vidas, algoritmos que perpetuavam desigualdades, máquinas que destruiam o que prometiam salvar. “Talvez o problema não esteja na IA”, pensou Alex em voz alta.

“Talvez o problema esteja em nós.” O café arrefeceu, mas Alex não notou. Estava preso numa dança de possibilidades. A IA não era boa nem má, assim como o osso em 2001. Era neutra, como a escrita ou a roda. Tudo dependia das escolhas feitas por quem a usasse. Não era a IA que escreveria o futuro, mas os humanos que a programassem. No canto do quarto, um gato enroscava-se sobre a cadeira de leitura, emitindo um ronronar suave. Alex olhou para ele, um pequeno símbolo de tranquilidade. Pensou no silêncio. Pensou em como, muitas vezes, é no vazio que nascem as perguntas mais profundas. Voltou ao teclado. Escreveu algumas palavras, depois apagou-as.

Sorriu, porque sabia que não havia pressa. A escrita sempre foi o início, nunca o fim. Alex decidiu que não haveria uma conclusão definitiva. Porque a escrita — como a IA — é uma porta aberta, não uma resposta. Fechou o portátil, acendeu uma vela e deixou que a noite, com as suas estrelas, fosse a sua companhia. No silêncio, o futuro ainda era um sonho. E a Humanidade, com todas as suas falhas e promessas, continuava a ser a autora do próprio destino.

CONTO · 05

O Silêncio das Esferas e o Lamento do Mundo



No meio de uma noite pesada, quando as estrelas pareciam ter desistido de brilhar, Raul sentou-se à mesa da cozinha, o rosto iluminado apenas pelo brilho trémulo do telemóvel. A notícia chegou sem cerimónia, como um murro na alma: Donald Trump fora reeleito presidente dos Estados Unidos. O mundo, ao que parecia, tinha escolhido retroceder. Raul desligou o telemóvel e ficou ali, imóvel, a ouvir o som do relógio pendurado na parede. Tic-tac. Como se o tempo quisesse sublinhar o absurdo daquele momento. Lá fora, a cidade dormia. Aqui dentro, no pequeno apartamento, o universo parecia suspenso.

A gata Alva enrolava-se na poltrona, indiferente ao caos humano, e a cafeteira soltava um último suspiro de vapor. Pensou no Planeta, no lar comum de todos os

seres vivos. Na desflorestação que voltaria a crescer sem controle, nos oceanos que engoliriam cidades inteiras, nas crianças que aprenderiam que a Terra tinha seis mil anos, enquanto os cientistas se desesperavam. Raul lembrou-se de uma frase de Carl Sagan: “Somos feitos de poeira de estrelas.” Mas, naquela noite, parecia que estávamos a regredir para poeira de ignorância. Foi buscar uma chávena de café, como se o amargo da bebida pudesse aliviar o nó na garganta.

Passou pela estante e os olhos pousaram num velho livro de Martin Luther King. “Eu Tenho Um Sonho”, pensou. Mas o sonho, agora, parecia enterrado sob camadas de ódio e racismo. O progresso tão arduamente conquistado começava a ruir. Segregação. Discriminação. Palavras que ele julgava pertencerem a um passado distante. E as mulheres? Raul apertou a chávena, sentindo o calor do café misturar-se à raiva que subia em espirais. Era inconcebível que, em pleno século XXI, o corpo feminino continuasse a ser campo de batalha. Era como se o tempo tivesse dado um salto para trás, e as vozes de milhões de mulheres tivessem sido abafadas por um grito de poder patriarcal.

Ele pensou nas suas amigas, nas suas lutas, e o peso do absurdo caiu sobre os seus ombros. Na poltrona, Alva espreguiçou-se preguiçosamente, esticando as patas como se quisesse tocar o vazio. Raul riu-se, porque só os gatos podiam ser tão indiferentes ao caos humano. Mas ele não conseguia afastar a imagem da Ucrânia, da Gaza, das crianças separadas das suas famílias, do genocídio disfarçado de retórica política. Como é que o mundo tinha chegado a isto? Talvez fosse o Criacionismo, pensou. A ideia absurda de que a Terra tem apenas seis mil anos.

Era como se o futuro tivesse sido entregue a pessoas que preferiam ignorar a ciência em nome de uma narrativa que confortava o medo. Raul recordou-se das aulas de biologia, das primeiras vezes em que olhou para um fóssil e sentiu o peso do tempo. Agora, ensinar-se-ia que a evolução era apenas uma teoria e que os dinossauros partilharam o planeta com Adão e Eva. O relógio marcava três da manhã. A gata Alva saltou da poltrona e veio enroscar- se aos pés dele, como se dissesse que o mundo continuava. E talvez continuasse mesmo, pensou Raul. Apesar dos horrores. Apesar dos retrocessos. Apesar dos líderes que faziam o planeta chorar.

Ele levantou-se, abriu a janela e olhou para o céu. As estrelas ainda estavam lá, mesmo que parecessem mais distantes. E, naquele momento, prometeu a si mesmo que faria algo. Que seria uma voz contra o ódio. Que se uniria àqueles que, mesmo no silêncio da noite, acreditavam num futuro melhor. Porque, se há algo que o passado ensina, é que as trevas nunca são eternas.

CONTO · 06

O Sonho que a Areia Sussurra: A Jornada do Leão-que-Um-Dia-Foi-Tartaruga



Na vastidão de uma praia em Cabo Verde, o som do vento era um sussurro que carregava promessas e segredos. A areia movia-se de forma quase imperceptível, como se respirasse. Ali, no areal quente de Outubro, centenas de pequenas tartarugas lutavam pela vida, arrastando-se em direção ao mar. Entre elas, uma destacou-se, não pela força ou velocidade, mas pela sua inquietude.

“Não quero ser tartaruga,” disse ela uma noite, enquanto a lua derramava prata sobre as ondas. “Quero ser um leão.” O murmúrio espalhou-se rapidamente pela comunidade. Tartarugas jovens e velhas reuniram-se,

escandalizadas. “Que ultraje!” exclamavam algumas. “Traição!” gritavam outras. Mas a pequena tartaruga manteve-se firme, mesmo tremendo sob o peso dos olhares. Foi então que uma tartaruga anciã, cuja carapaça parecia conter a sabedoria de séculos, se aproximou.

“Se queres ser leão,” disse ela num tom grave, “há uma forma. Mas cuidado: ao escolheres este caminho, nunca mais poderás voltar a ser tartaruga.” O silêncio instalou-se, mas a pequena tartaruga, determinada, respondeu: “Quero ser leão.” Naquela noite, sob as estrelas, realizaram um ritual junto à Pedra Sagrada. A tartaruga xamã começou a girar sobre si mesma, numa dança hipnótica, enquanto as outras batiam as patas na areia, produzindo um som que lembrava o crepitar do fogo. Quando a xamã parou, um brilho intenso envolveu a pequena tartaruga, e, no instante seguinte, ali estava um leão. Um leão verdadeiro, com músculos fortes e um rugido que parecia ecoar até aos confins do horizonte.

“Agora és leão,” disse a anciã, com uma tristeza contida. “Parte. Não pertences mais a este lugar.” O leão afastou-se da praia. Durante anos, viveu na selva, rugiu para o céu e caçou com a força que sempre desejara. Mas a vida de leão era solitária. E então veio a seca. As folhas desapareceram, as águas secaram, e a comida tornou-se um luxo inalcançável. O leão emagreceu, os seus passos tornaram-se trôpegos. Num desses dias sem fim, avistou algo ao longe: uma tartaruga, caminhando lentamente pela areia. Com as forças que lhe restavam, o leão correu. Mas a tartaruga, com um simples movimento, recolheu-se para dentro da carapaça.

O leão tentou, com garras e dentes, mas não conseguiu abrir aquela fortaleza natural. Exausto, tombou ao lado dela. “Sabes,” murmurou, com os olhos húmidos, “eu

também já fui tartaruga. Mas quis ser leão. Agora estou aqui, sem força, sem lugar. Apenas contigo.” A tartaruga permaneceu em silêncio por um momento que parecia eterno. Depois, saiu da carapaça, olhando o leão com compaixão.

“Se tens tanta fome, come-me. Entrego-me para que vivas.” O leão inclinou-se, os dentes quase a tocar o pescoço da tartaruga. Mas algo no fundo do seu ser o deteve. Um peso, uma memória. Recostou-se na areia, fechando os olhos. “Não consigo,” disse. “Não posso. És como eu era. És minha irmã.” Foi nesse momento que o vento soprou de forma diferente, carregando grãos de areia para o céu como uma dança. O leão sentiu o seu corpo mudar. A força dos músculos desapareceu, substituída pela segurança de uma carapaça. Quando abriu os olhos, já não era leão. Era tartaruga novamente. Ali, na areia, ele compreendeu.

A jornada não era sobre ser mais forte ou mais feroz. Era sobre encontrar paz no que se é. Enquanto as ondas quebravam ao longe e o vento sussurrava mistérios, a tartaruga virou-se para o mar, grata por, finalmente, saber onde pertencia.

CONTO · 07

O Eco dos Likes na Era do Silêncio Digital



A tarde caía com uma suavidade quase melancólica. As nuvens tingiam-se de um laranja tímido, enquanto o som de “Spiegel im Spiegel” flutuava pelo apartamento. Rua, sentado à sua secretária, encarava o monitor. O cursor piscava num ritmo hipnótico, convidando-o a digitar algo — qualquer coisa. Mas o que dizer num mundo onde as palavras pareciam desaparecer antes mesmo de serem lidas? Ele abriu o Facebook. Lá estava o habitual desfile de superficialidade. Um vídeo de gatos recebia mil “likes”. Uma reflexão sobre política internacional? Três. No máximo.

“Vivemos na era das migalhas”, pensou. O que era leve, rápido e descartável era celebrado, enquanto o denso, o profundo, era varrido para debaixo do tapete do esquecimento digital. No seu feed, um amigo acabara de

partilhar algo banal. Cem reacções em minutos. Rua suspirou e, quase por reflexo, procurou na sua biblioteca digital uma peça de Helmut Lachenmann.

“Se eu publicasse isto agora, quantos iriam ouvir? Dez? Talvez nem isso.” Era sempre assim. Taylor Swift enchia arenas, enquanto Lachenmann permanecia num recanto obscuro, um mistério que ninguém parecia querer desvendar. Rua levantou-se e dirigiu-se à janela. Lá fora, a cidade pulsava com a energia confusa da hora de ponta. Pessoas apressadas, carros que buzinavam como se reclamassem o direito de existir. Pensou em Stockhausen e naquela frase que lhe dissera numa entrevista: “Vivemos numa Era de falta de consciencialização.” Na altura, tinha achado aquilo quase cínico. Mas agora... agora parecia uma profecia cumprida. Sentou-se novamente e escreveu: “Vivemos num tempo em que a qualidade é uma relíquia, e a quantidade governa.

Uma música complexa e densa mal encontra ouvidos, enquanto um refrão fácil conquista o mundo.” Hesitou antes de publicar. Sabia que aquilo não teria impacto. “Talvez consiga cinco 'likes'. Dez, se tiver sorte.” Fechou o portátil e decidiu caminhar. Nas ruas, os rostos das pessoas estavam iluminados pelos ecrãs dos telemóveis. Um grupo de jovens cruzou-se com ele, gargalhando ao verem algo no TikTok. A mesma cena repetia-se num café próximo: casais e amigos em silêncio, cada um fixado no seu pequeno universo digital. Rua pensou na palavra “isolamento”. O paradoxo era óbvio: estávamos mais conectados do que nunca, mas mais distantes também. Entrou numa livraria pequena, daquelas que parecem resistir ao tempo.

Lá, encontrou uma velha edição de O Nome da Rosa, de Umberto Eco. Enquanto folheava as páginas,

recordou-se do monge que envenenava livros, temendo que o conhecimento fosse difundido indiscriminadamente. Será que o monge teria visto o futuro? — pensou. Não o envenenamento dos livros, mas a banalização do saber, engolido por um fluxo infinito de irrelevâncias. Ao voltar para casa, sentou-se no sofá e ligou a televisão. Um noticiário relatava o aumento do apoio a líderes populistas.

“Trump”, “Bolsonaro”, “Ventura” eram nomes que dançavam no ecrã, acompanhados por multidões em êxtase. Rua sentiu um calafrio. Não era surpresa, pensou. A fórmula era simples: slogans curtos, promessas vazias, e o apelo a medos ancestrais. A complexidade não tinha lugar nesse jogo. Pegou num caderno e escreveu: “Talvez a inteligência esteja a decair, como dizem os estudos. Mas será que podemos culpar apenas as tecnologias? Ou será que simplesmente esquecemos como olhar para dentro, como ouvir o silêncio?” No silêncio que se seguiu, ouviu o som do seu telemóvel vibrar. Uma notificação. Alguém tinha reagido ao que postara mais cedo. Ele olhou para o ecrã. Quatro “likes”. Quatro.

Fechou os olhos e riu, um riso amargo, mas genuíno. “Talvez já seja tarde demais,” pensou. Mas, ao olhar para o caderno, uma ideia cintilou como uma pequena chama. Talvez, apenas talvez, não fosse.

CONTO · 08

O Labirinto dos Espelhos Quebrados



Naquela manhã, enquanto o sol se esgueirava pelas persianas do quarto, ele despertou com um sentimento estranho. Não era tristeza, nem raiva, nem sequer melancolia. Era algo mais profundo, como um eco vindo de um poço escuro. Sentou-se na cama, os pés tocando o chão frio, e a pergunta surgiu sem aviso: “Em que mundo vivemos?” A casa estava em silêncio, mas as notícias não paravam de rodopiar na sua mente. Imagens de líderes a bramir discursos inflamados, multidões hipnotizadas por promessas ocas, e o planeta a gritar por socorro em incêndios e cheias. Levantou-se, fez café, e foi para a varanda. Lá fora, o vento parecia contar-lhe segredos que ele não sabia interpretar.

Lembrou-se de António Gramsci. “A indiferença é o peso morto da história”, tinha lido uma vez num livro velho, já

amarelado. “Mas será a indiferença o único culpado?” Perguntava-se, observando o mundo à distância, como quem contempla um quadro com cores demasiado carregadas. O pensamento vagueava. Recordou histórias de fanatismo, como a dos Talibãs, que proibiam a música, apagando da vida das pessoas até os sons mais simples da alegria.

“Para eles, o pecado é uma regra, e a repressão é a ordem”, pensou. No entanto, de alguma forma, ele compreendia. Não concordava, mas compreendia. Um povo moldado pelo medo e pela ausência de horizontes cria as suas próprias prisões. Mas o que dizer de outros contextos? De Nethayou, por exemplo, que repetia erros históricos em nome de uma causa, perpetuando tragédias enquanto consolidava o poder? Ou de Bolsonaro, cujo carisma sombrio dividiu uma nação, atraindo corações perdidos num mar de desigualdade? Era fácil apontar culpados, mas o que realmente doía era a aceitação passiva das massas. Depois, havia a América.

Ele pensava nos Estados Unidos como um gigante adormecido, que outrora inspirara o mundo com a promessa de democracia e progresso. Mas como podia uma nação tão avançada, com universidades brilhantes e mentes criativas, voltar-se para líderes como Trump? Como era possível que jovens, mulheres, negros, imigrantes — aqueles que ele desprezava — votassem nele? O café arrefeceu na chávena. Ele permaneceu imóvel, o olhar fixo num horizonte invisível. Martin Luther King invadiu os seus pensamentos: “Eu tenho um sonho.” Onde estava esse sonho agora? Talvez perdido entre slogans de ódio e murros em mesas de reuniões. O telefone vibrava na mesa ao lado, cheio de notificações que ele ignorava. Não precisava de mais ruído.

Precisava de respostas. Mas, ao invés disso, surgiam mais perguntas: “Será que a ciência sobreviverá a este ataque? E o planeta? Quem defenderá os glaciares que derretem, os animais que desaparecem, as árvores que são queimadas antes de atingirem a maturidade?” Levantou-se, sentindo o peso do mundo nos ombros. Na cozinha, a gata Alva olhava-o com desdém felino, enquanto o cão Young Yang abanava a cauda, ansioso por um passeio. Ele sorriu, momentaneamente afastado da sua tormenta interna.

“Será tarde demais?”, perguntou à gata, que apenas piscou os olhos com desinteresse. “Será que podemos mudar isto?”, perguntou ao cão, que latiu alegremente, sem entender a gravidade do momento. No fundo, sabia que as respostas estavam nele, como estão em todos nós. Não eram grandes revelações, mas pequenos actos. Escolhas diárias, somadas num mosaico que formaria o futuro. A tarde começou a cair, e ele pegou num caderno em branco. A primeira frase fluiu com naturalidade: “Que não seja esta a nossa pergunta, mas sim: o que podemos fazer para mudar?” E, pela primeira vez naquele dia, sentiu uma faísca de esperança, uma vontade de acreditar que o mundo, mesmo quebrado, podia ser remendado.

Um espelho estilhaçado ainda podia reflectir a luz.

CONTO · 09

A Dança Invisível das Palavras Perdidas



Safo contemplava o horizonte do mar Egeu, onde as ondas pareciam murmurar versos antigos que ninguém jamais compreenderia por completo. Era um fim de tarde de tons dourados, e a brisa acariciava os cabelos desalinhados da poeta, enquanto os seus pensamentos divagavam entre estrelas que ainda não tinham nascido.

“Sabes, Homero,” começou ela, a sua voz tão suave quanto a espuma que beijava a costa, “a poesia que quero escrever não nasceu comigo. Nem contigo. Nem com aqueles que nos precederam. Talvez nunca tenha nascido.” Homero, sentado numa rocha próxima, deixou escapar um riso que parecia vir das profundezas da terra. Os seus olhos, ocultos pela cegueira, brilhavam com um conhecimento enigmático.

“Ah, Safo, talvez a poesia que procuras não queira ser escrita. Talvez seja como um vento teimoso, que só se deixa sentir, mas nunca capturar.” “E ainda assim,” insistiu Safo, “não conseguimos deixar de tentar. Porquê? Porque é que agarramos palavras como se fossem peixes escorregadios, sabendo que se vão desfazer em silêncio assim que as pousarmos na terra seca?” Homero virou o rosto para o som das ondas, como se o mar tivesse a resposta.

“Talvez seja a nossa maldição, ou o nosso presente. Criamos histórias para colmatar o vazio. E, no entanto, cada verso, cada palavra, só nos faz perceber como o vazio é maior do que imaginávamos.” Safo sorriu com um toque de melancolia. “Penso que a poesia que quero escrever talvez não precise de palavras. Talvez seja algo que se sente na pele, como esta brisa, ou que nos atravessa, como o silêncio entre os sons.” Homero levantou a cabeça, como se tentasse ouvir algo além do alcance humano.

“Nesse caso, Safo, a tua poesia já está aqui. Talvez esteja no intervalo entre o que dizemos e o que nunca conseguimos dizer. Talvez esteja nas próprias ondas, que nascem e morrem sem pedir permissão.” Um momento de silêncio seguiu-se, um silêncio que parecia carregar consigo todas as palavras não ditas, todas as ideias que se perderam na vastidão do tempo. Safo e Homero continuaram ali, sem necessidade de mais palavras. O sol afundava-se no horizonte, e a noite, tal como a poesia que nunca nascerá, envolvia-os numa promessa de mistério eterno.

CONTO · 10

O Primeiro Poema do Mundo



Young Yang, o cão de pêlo reluzente e olhar atento, repousava no alpendre iluminado por um sol ameno. Ao seu lado, Alva, a gata de pêlo branco como a lua, observava o horizonte com a tranquilidade de quem carrega segredos antigos. O dia estava preguiçoso, e o som das folhas ao vento era o único a preencher o silêncio. — Alva — começou Young Yang, abanando a cauda como quem prepara uma pergunta séria —, tu, que passas horas a observar o mundo com esses teus olhos de sabedoria felina, já pensaste na primeira poesia? A gata levantou a cabeça com a altivez de quem esperava a pergunta. — Claro que já.

A primeira poesia não foi feita de palavras, sabes? — respondeu, num tom quase filosófico. — Foi observada. Young Yang inclinou a cabeça, intrigado. — Observada?

Mas como pode um poema existir sem palavras? Ou sem ser escrito? Alva ronronou suavemente, como quem prepara uma lição. — Pensa nas ondas do mar, Young. Elas não precisam de ser explicadas. O seu movimento já é um verso. O sol que se põe, tingindo o céu de cores que nenhum pintor consegue capturar… Isso é um poema. A primeira poesia foi criada pelo mundo antes de nós, e a nossa única tarefa foi observá-la.

Young Yang levantou uma orelha, pensativo. — Então… quando eu corro atrás do vento, sentindo-o no meu focinho e ouvindo as folhas a dançar, estou a viver um poema? Alva sorriu com os olhos, aquele sorriso que só os gatos sabem fazer. — Exatamente, Young. Viver é observar, e observar é poesia. Nós, gatos, aprendemos isso cedo. Tu, cães, com as vossas correrias e entusiasmos, também são poetas, mas com outra métrica. Young Yang abanou a cauda vigorosamente, como se tivesse acabado de descobrir um grande mistério. — Então, Alva, o mundo inteiro é um poema, e nós somos os leitores? — Mais do que leitores — corrigiu a gata. — Somos intérpretes.

O poema muda conforme quem o observa. Quando olhas para as estrelas, vês algo diferente do que eu vejo. E é aí que nasce a beleza. O cão deitou-se de lado, deixando a cabeça repousar sobre as patas. O sol já começava a descer, e as sombras alongavam-se pelo jardim. — Alva, estás a dizer que o mundo é o poeta, e nós somos as suas palavras? A gata aninhou-se ao lado dele, fechando os olhos com serenidade. — Talvez. Ou talvez sejamos apenas os espaços em branco entre os versos. E é nesse espaço que o poema se revela.

E ali ficaram os dois, em silêncio, enquanto o sol se punha e o vento sussurrava a poesia mais antiga do mundo.

CONTO · 11

Diálogo ao Crepúsculo



O céu tingia-se de laranja e lilás enquanto o dia e a noite se encontravam no horizonte. Era um momento breve, um suspiro no ciclo eterno do tempo. A Lua, com o seu brilho prateado tímido, espreitava no céu, enquanto o Sol, cansado mas ainda imponente, preparava-se para se recolher. — Chegas sempre quando eu estou de partida — disse o Sol, com uma voz quente e tranquila. — Nunca conseguimos partilhar o mesmo espaço por muito tempo. A Lua sorriu suavemente, reflectindo a luz que ainda lhe restava do Sol.

Era um sorriso feito de mistério, um reflexo da noite que carregava consigo. — Talvez seja essa a nossa natureza — respondeu a Lua, com uma voz serena e melodiosa. — Eu sou a sombra que acompanha o teu brilho. Tu és o calor que dá vida à minha frieza. Estamos ligados, mesmo quando parecemos estar longe. O Sol ponderou, deixando escapar um raio dourado que atravessou as

nuvens e tocou a superfície calma do mar. — Mas não é estranho? Eu sou sentido, mas raramente visto com atenção. Todos se protegem do meu olhar.

E tu, minha irmã, és admirada, contemplada, mas intocável. — Isso faz parte do nosso encanto — replicou a Lua. — Somos duas faces da mesma moeda. Eu mostro aos humanos os segredos escondidos na escuridão, enquanto tu revelas o óbvio e o urgente na luz do dia. O Sol suspirou, lançando um último brilho antes de desaparecer completamente no horizonte. — E ainda assim, estamos sempre em movimento, num ciclo sem fim. Nunca paramos para realmente conversar, para nos conhecermos. — Talvez não precisemos — disse a Lua, a sua voz ecoando como o sussurro de uma brisa noturna. — A nossa dança já diz tudo.

Eu levo contigo a tua luz para iluminar os caminhos da noite. E tu, sem mim, não tens sombras para revelar. O Sol sorriu, compreendendo. As estrelas começavam a surgir timidamente, uma a uma, preenchendo o céu vazio que ele deixava para trás. — Então, até amanhã — disse o Sol, com a sua voz a desvanecer-se. — E até à próxima noite — respondeu a Lua, enquanto se erguiam sombras que prometiam guardar os sonhos dos que dormiam. E assim, como sempre, o dia entregava-se à noite, e o Sol e a Lua continuavam a sua dança eterna, cada um cumprindo o seu papel, ligados pelo mesmo céu que os separava e unia.

CONTO · 12

O Homem, o Pinguim e a Baleia que Sabia Cantar Bach



Era uma manhã incomum na praia de uma ilha isolada. O vento soprava leve, e o som das ondas parecia trazer mensagens codificadas. Sentado na areia, Ricardo, um biólogo marinho, observava o horizonte enquanto anotava pensamentos no seu caderno. Algo nele sentia-se vazio. Talvez fosse a solidão de anos a estudar criaturas que, apesar de fascinantes, nunca lhe haviam respondido. De repente, ouviu um som peculiar, algo entre um grasnar e uma gargalhada. Virou-se e viu um pinguim, de pé, observando-o com uma expressão incrivelmente... humana. — Tu pareces desconfortável — disse o pinguim. Ricardo piscou várias vezes. Devia ser o cansaço.

Mas a voz era clara e grave, como a de um actor shakespeariano. — Estás a falar comigo? — balbuciou. — Com quem mais? Não vejo mais ninguém aqui. — O pinguim inclinou a cabeça. — E, a propósito, parabéns. És oficialmente o animal mais inteligente. A seguir a todos os outros, claro. Ricardo riu, mas de nervosismo. — O quê? Tu leste o meu caderno? Foi isso? — Não precisámos. — A nova voz era profunda, vinda das águas. Uma baleia emergiu à superfície, os olhos observando Ricardo com uma paciência quase eterna. — Nós, os animais, temos falado sobre isso há séculos. Só estávamos à espera do momento certo para discutir contigo.

Ricardo olhou, incrédulo, para o pinguim e depois para a baleia. — Isto é um sonho, certo? — Talvez — disse a baleia, soltando uma melodia de notas que lembravam um prelúdio de Bach. — Mas até num sonho podes aprender alguma coisa, não? O pinguim riu-se e sentou-se ao lado de Ricardo. — A questão, meu caro, é simples. Porque é que vocês, humanos, se acham tão superiores? Estás aqui, sozinho, perdido nos teus pensamentos, enquanto nós vivemos perfeitamente integrados na natureza. — Mas... — Ricardo hesitou. — Temos tecnologia. Construímos cidades, estudamos o universo, criámos arte.

A baleia emitiu um longo suspiro, que levantou uma pequena onda. — Sim, e construíram armas para destruir o mesmo universo que estudam. As vossas cidades sufocam o ar, e a vossa arte... bem, nem toda é má. Mas, por favor, explica-nos como é que tudo isso vos torna superiores. Ricardo ficou em silêncio. O pinguim aproveitou a pausa para intervir. — Sabes o que nós fazemos? Vivemos. Apenas isso. Não destruímos o nosso lar. Respeitamos os ciclos naturais. Não precisamos de mais do que o essencial. Talvez a verdadeira inteligência

esteja aí, e não em querer sempre mais. Ricardo sentiu-se pequeno.

Olhou para o horizonte, onde o sol começava a descer, tingindo o céu de laranja. — Mas... temos consciência. A capacidade de perguntar, de imaginar. Não é isso que nos torna únicos? A baleia mergulhou e voltou a emergir com um sopro que cintilava na luz do entardecer. — Ah, a consciência. O vosso presente e a vossa maldição. És consciente, mas és feliz? Sabes perguntar, mas sabes ouvir? Consegues imaginar um mundo melhor, mas trabalhas para o criar? A consciência sem equilíbrio é apenas ruído. Ricardo baixou os olhos. Sentia-se exposto, mas não humilhado.

Era como se estivesse a ser educado por mestres antigos. — Então, o que sugerem que eu faça? — perguntou, finalmente. O pinguim levantou-se, sacudiu as penas e apontou para o mar. — Aprende connosco. Observa a natureza. Não precisas de destruir o mundo para viver nele. Se te consideras tão inteligente, prova-o ao viver em harmonia. A baleia acrescentou, com a sua voz melodiosa: — E nunca te esqueças: a verdadeira sabedoria não é saber mais, mas compreender melhor. Ricardo sorriu pela primeira vez em horas. Fechou o caderno e levantou-se. — Obrigado. Acho que precisava de ouvir isto.

O pinguim começou a afastar-se, mas virou-se uma última vez. — Lembra-te: não se trata de sermos superiores ou inferiores. Trata-se de sermos parte de algo maior. Boa sorte, humano. A baleia mergulhou novamente, e o pinguim desapareceu entre as rochas. Ricardo ficou sozinho, mas desta vez não se sentiu vazio. Sentou-se na areia, fechou os olhos e ouviu. Pela primeira vez, percebeu que o som do mar tinha muito mais para ensinar do que qualquer livro.

CONTO · 13

O Concerto Invisível das Palavras Perdidas



No meio de uma manhã invulgarmente silenciosa, Rui encontrava-se sentado na esplanada do Café Aurora, um espaço perdido entre um parque vazio e uma livraria esquecida. À sua frente, duas chávenas de café. Uma era para si; a outra, um tributo simbólico ao acaso, como se esperasse que alguém, ou algo, surgisse para partilhar o momento. Era este o cenário onde as suas inquietações sobre a poesia, a filosofia, a música e o humor se entrelaçavam numa melodia sem pauta. Rui era um homem que amava complicações. Não por desejo de dificuldade, mas porque acreditava que o labirinto da mente era mais fascinante do que a linha recta do óbvio.

Ainda assim, havia dias em que tudo o que queria era uma gargalhada sincera ou uma melodia que dissolvesse a gravidade dos pensamentos. Naquele dia específico,

estava absorto na sua dúvida habitual: “A poesia e a filosofia são as coisas mais complexas que existem. Mas... porque é que, no fundo, prefiro a música e o humor?” Foi nesse instante que uma mulher misteriosa se aproximou. Usava um chapéu amarelo, um casaco de lã azul-escuro e carregava um saxofone dourado como se fosse um artefacto mágico. Sentou-se à frente de Rui, ignorando a chávena de café solitária. — Filosofia é como um saxofone — disse, casualmente. — Exige pulmões, mas também alma.

Rui ficou imóvel, sem saber se respondia ou ria. A mulher, indiferente ao seu espanto, continuou: — E a poesia? Ah, essa é como o vento. Não a vês, mas sabes que está lá. O problema é que a maioria das pessoas acha que precisa de compreendê-la. — Fez uma pausa e olhou directamente para ele. — Mas tu preferes a música e o humor. Porquê? — Porque... — Rui hesitou. — Porque a música sinto-a no corpo. E o humor, bem, o humor é a única coisa que me salva quando tudo parece desabar. A mulher sorriu e, sem aviso, começou a tocar o saxofone.

A melodia era ao mesmo tempo familiar e alienígena, como um sonho do qual só recordamos fragmentos. Rui sentiu-se transportado para uma sala iluminada por velas, onde dois vultos se enfrentavam em silêncio: um poeta e um filósofo. O poeta, vestido com roupas gastas, segurava uma harpa dourada. Tocava notas dispersas, que pareciam transformar-se em palavras antes de desaparecerem no ar.

O filósofo, de facto impecável, carregava um caderno de anotações, onde registava cada som, como se tentasse decifrar o código da existência. — A harpa fala sem lógica! — exclamou o filósofo. — Como podes entender algo que não segue uma ordem? — E tu? — respondeu o

poeta, sorrindo. — Perdes tanto tempo a ordenar o mundo que esqueces de ouvi-lo. Rui, invisível para ambos, observava em silêncio. Sentiu que cada nota da harpa e cada palavra do filósofo tocavam em algo dentro de si. Mas a música e o humor que tanto amava estavam ausentes daquele duelo. De repente, ouviu uma gargalhada. Vinda de onde?

Olhou para trás e viu a mulher do saxofone, agora acompanhada por uma criança que dançava sem ritmo definido. A criança segurava um rádio antigo, que emitia uma melodia jazzística cheia de improvisos. — Sabes o que eles não entendem? — disse a mulher. — É que o mundo não precisa de ser explicado nem embelezado. Precisa de ser sentido. Tal como tu disseste: no corpo, na gargalhada. A música mudou, e Rui sentiu-se cair para fora do sonho. De volta ao Café Aurora, a mulher do saxofone não estava mais lá. A chávena de café à sua frente continuava intacta. Mas algo nele tinha mudado.

Levantou-se, deixou uma moeda sobre a mesa e começou a andar pelo parque. Enquanto caminhava, começou a assobiar uma melodia inventada, cheia de notas erradas e humor acidental. Não era poesia nem filosofia. Mas era algo que sentia no corpo e, ao mesmo tempo, fazia-o sorrir. E, nesse momento, Rui compreendeu: a vida não precisa de sentido. Precisa de ritmo e de um sorriso no lugar certo.

CONTO · 14

A Filosofia dos Talheres e o Eco do Lava-Louça



Numa cozinha silenciosa, iluminada apenas pela luz prateada da lua que entrava pela janela, o garfo e a faca repousavam no balcão, ainda sujos da refeição da noite. Estavam ali, lado a lado, como companheiros de longa data que partilham histórias numa linguagem que os humanos não poderiam ouvir. — É uma questão de equilíbrio, sabes? — disse o garfo, com um tom metálico e reflexivo. — Se não formos lavados agora, amanhã seremos o início de uma nova aventura. Resíduos de hoje tornam-se as camadas de amanhã. A faca, mais pragmática, inclinou-se levemente, reluzindo sob a luz da lua. — És tão poético, meu amigo. Mas pensa no que isso significa.

Se continuarmos assim, seremos descartados, substituídos por algo mais limpo, mais funcional. A nossa

utilidade depende da nossa limpeza. O garfo balançou-se ligeiramente, quase como se desse de ombros. — Ah, mas há beleza no caos. O humano que nos usou ainda está a digerir o jantar. A sua mente, carregada de ideias ou preocupações, certamente não precisa de lidar com pratos agora. Amanhã é outro dia. — Não estás errado — admitiu a faca. — Mas, e se amanhã não houver tempo? E se um visitante inesperado aparecer e encontrarmo-nos envergonhados, ainda cobertos de restos?

Antes que o debate pudesse continuar, uma voz suave, mas firme, interrompeu a conversa. — Vocês dois esquecem-se de algo importante. A colher, que até então estava deitada ao lado de um copo vazio, ergueu-se ligeiramente, inclinando-se para os dois. O seu tom era sereno, como quem conhece os segredos de um universo maior. — Nós não existimos apenas para os humanos. Existe um equilíbrio na nossa própria existência. Quando estamos limpos, brilhamos; quando estamos sujos, contamos histórias. Mas o que realmente importa é a intenção por trás do uso. Não é o acto de lavar ou não lavar que define o nosso propósito, mas a consciência de quem nos usa.

A faca riu levemente. — Filosofia para uma colher? Estou impressionada. — Não subestimes o poder da reflexão, mesmo para nós, simples utensílios. — A colher girou levemente, a sua superfície reflectindo a luz da lua. — Sabes por que os humanos nos criaram? Para facilitar a partilha, para reunir em torno de uma mesa. Não para debates intermináveis sobre limpeza. O garfo suspirou, pensativo. — Talvez tenhas razão. Talvez estejamos demasiado presos ao momento. Mas, se fores prática, colher, o que sugeres? Devemos insistir para que nos lavem ou esperar o próximo uso? A colher sorriu, ou assim pareceu, na sua quietude metálica. —

Sugiro que aceitemos o que vier.

Não temos controlo sobre os humanos, mas podemos estar presentes, brilhando quando estamos limpos, contando histórias quando estamos sujos. A nossa verdadeira função não é sermos lavados ou usados, mas sermos parte do ciclo. No fundo, somos um reflexo das escolhas deles. A conversa cessou por um momento, e o silêncio da cozinha foi preenchido pelo som do vento lá fora. O garfo e a faca trocaram um olhar compreensivo, enquanto a colher repousava tranquila, como se tivesse acabado de resolver um enigma universal. Quando o primeiro raio de sol entrou pela janela, o humano apareceu, esfregando os olhos.

Olhou para os pratos e talheres da noite anterior, agora com novos olhos, quase como se tivesse ouvido algo durante o sono. E, enquanto ligava a água e preparava a esponja, sorriu. Talvez, de alguma forma, tivesse percebido que a vida é como os talheres: uma dança entre o uso e o descanso, entre a limpeza e o caos, sempre pronta para uma nova refeição.

CONTO · 15

A Sinfonia das Diferenças no Café da Eternidade



No limiar de um lugar entre a realidade e o absurdo — talvez um café flutuante numa dimensão onde o tempo e o espaço eram sugestões mais do que regras —, Frank Zappa mexia no café com uma colher que parecia ter vontade própria. Sentado à sua frente, Laurie Anderson examinava um pedaço de papel, rabiscando algo que mais tarde poderia transformar numa performance. O silêncio não era incómodo; era expectante, como uma pausa musical que só faz sentido quando o próximo acorde se revela.

Zappa rompeu o silêncio com a sua voz grave e inconfundível: — Laurie, já reparaste como é incrível que o homem e a mulher sejam, ao mesmo tempo, tão diferentes e tão iguais? É como um riff de guitarra a improvisar com um violoncelo. Sons distintos, mas em

harmonia. Anderson ergueu os olhos, inclinando ligeiramente a cabeça, como quem ouve uma melodia distante. — É uma boa metáfora, Frank, mas será que essa harmonia existe mesmo? Ou estamos apenas a ensaiar uma música que ainda não sabemos tocar? — perguntou ela, cruzando os braços. Zappa soltou uma gargalhada. — Sempre a filosofa, Laurie. A questão é: quem escreveu a partitura?

Porque, sinceramente, esta coisa de os direitos não serem iguais parece-me um erro de composição. Anderson sorriu, mas o sorriso era tingido de melancolia. — O problema é que a partitura foi escrita por quem tinha a batuta. E, durante muito tempo, a batuta esteve sempre nas mãos dos homens. A igualdade de direitos ainda é uma música em fase de ensaio. Muitos nem querem tocar a melodia, preferem o ruído do poder. Zappa recostou-se na cadeira, tocando o bigode como quem afina uma ideia. — Talvez o problema seja que a igualdade não significa "igualdade absoluta". Quero dizer, não somos iguais no corpo, nas experiências, nem nas perspectivas.

Mas, no palco da vida, os holofotes deveriam iluminar-nos de forma igual, não achas? Laurie levantou-se e começou a andar pelo café, os seus passos ecoando como uma percussão suave. — Concordo, Frank. Mas essa luz tem sido desviada. Olha para a história. As mulheres tiveram de lutar até para serem vistas como artistas, pensadoras, criadoras. Tu, por exemplo, nunca tiveste de provar que eras digno de tocar guitarra só porque nasceste homem. Zappa assentiu lentamente. — Tens razão. Nunca me pediram para justificar o meu lugar na música. Mas, Laurie, o que é que achas que podemos fazer para mudar essa melodia desafinada?

Ela parou e olhou para ele, os olhos brilhando com uma intensidade quase eléctrica. — Continuar a criar, Frank. Continuar a fazer música, arte, poesia. Mostrar que as diferenças entre nós são a força da nossa sinfonia. E ensinar que os direitos iguais não anulam as diferenças; exaltam-nas. O problema é que ainda há quem pense que, se a mulher tiver os mesmos direitos, o homem perde algo. Como se a música tivesse de perder uma nota para criar outra. Zappa sorriu, mas desta vez havia algo de sereno no seu sorriso. — Talvez o truque seja tocar mais alto, Laurie. Fazer com que aqueles que têm medo da igualdade sejam obrigados a ouvir.

E, se não quiserem ouvir, que a música os envolva mesmo assim. O empregado do café — que, até então, parecia apenas uma figura de fundo — aproximou-se com um violino na mão. — Desculpem interromper, mas as vossas palavras lembraram-me algo — disse ele, entregando o violino a Laurie e uma guitarra acústica a Zappa. — Este café tem uma regra: grandes conversas devem terminar com música. Laurie pegou no violino e riu-se. — Claro, Frank. Vamos tocar algo para este café flutuante e todos os seus habitantes imaginários. E ali, sob um céu onde as estrelas piscavam como notas numa pauta invisível, a música nasceu.

Não era perfeita, mas também não precisava de ser. Porque, naquele momento, os dois criadores tocavam uma melodia que falava de diferenças, sem deixar de sonhar com a igualdade. Quando terminaram, o silêncio voltou, mas era agora um silêncio de compreensão. Laurie pousou o violino e sussurrou: — Frank, às vezes penso que a igualdade é como uma nota que ainda não foi inventada. Mas talvez estejamos mais perto do que pensamos. Frank acenou, enquanto a guitarra repousava nas suas mãos. — Se ainda não foi inventada, Laurie, então vamos inventá-la. Afinal, não é isso que a música

sempre fez?

E, com isso, o café flutuante continuou a sua jornada pelo cosmos, carregando consigo uma melodia que ecoaria para sempre na eternidade.

CONTO · 16

As Equações Invisíveis da Gravidade: Einstein e o Gato Bowie no Laboratório do Cosmos



No silêncio meticuloso de um apartamento em Zurique, Albert Einstein ajeitava os óculos enquanto se debruçava sobre um tabuleiro de xadrez deixado a meio de uma partida solitária. O tabuleiro estava imaculado, excepto por uma peça que parecia deslocada: um cavalo branco derrubado sobre a quarta fileira. Einstein suspirou, mas o leve sorriso no canto da boca denunciava que ele sabia muito bem quem era o culpado. No parapeito da janela, o gato Bowie, de pelagem cinza-prateada e olhos assimétricos — um azul, outro âmbar –, observava com a serenidade de um monge. Era como se a gravidade fosse a sua única preocupação. Ou talvez a única distração.

“Bowie,” começou Einstein, “derrubaste o cavalo outra vez?” O gato saltou do parapeito com a elegância de um bailarino e pousou silenciosamente em frente ao físico. Encostou-se à mesa, onde um copo vazio esperava para ser o próximo alvo. Bowie aproximou-se, deu uma leve patada no copo, que oscilou, hesitou… e caiu com um estrondo controlado.

“Não é descuido,” respondeu Bowie, sem sequer olhar para o copo. A sua voz parecia surgir de um lugar misterioso, grave, mas suave, como o som de uma corda de violoncelo. “É ciência, Herr Einstein.” Einstein cruzou os braços, intrigado. “Ciência, dizes? Esclarece-me, Bowie, porque eu vejo apenas caos.” Bowie sentou-se, lambendo uma pata como se estivesse a organizar os pensamentos.

“Tu estudaste a gravidade, não foi? Provaste que a massa curva o espaço-tempo. Mas como sabes que as equações que escreveste no papel realmente descrevem o mundo? Eu, como cientista felino, não confio apenas na teoria. Derrubar objectos é a minha forma de experimentar.” Einstein riu baixinho, um som como o vento a deslizar por folhas secas.

“Então, cada patada tua num copo ou num tabuleiro de xadrez é uma experiência? E qual é o teu objectivo, caro Bowie?” “Verificar os limites da força gravitacional e compreender as variáveis,” respondeu o gato com seriedade. “Porque é que o copo caiu com um som tão estridente, mas o cavalo de xadrez caiu em silêncio? Porque é que o copo hesita mais antes de cair? São perguntas que a tua matemática ainda não respondeu.” Einstein coçou a cabeça, sentindo-se estranhamente desafiado.

“Nunca pensei que um gato pudesse desafiar as minhas teorias…“ Bowie ergueu o olhar, e os seus olhos

desiguais pareciam conter o peso de todas as estrelas. “A gravidade, Herr Einstein, não é apenas uma força. É uma dança. Cada objecto que derrubo ensina-me os passos dessa dança. Cada som, cada hesitação, cada impacto são as notas dessa sinfonia.” Neste momento, a porta da cozinha abriu-se, e uma mulher entrou, trazendo consigo um prato de bolinhos de maçã. Era Mileva, a mulher de Einstein.

“Outra vez a conversar com o gato, Albert? Um dia, vais acabar a publicar um artigo em conjunto.” “Talvez ele seja o meu colaborador mais brilhante,” respondeu Einstein com um brilho nos olhos. Bowie saltou para o chão e olhou para Mileva. “Humana prática, estás a segurar um prato. Se eu o derrubar, o que aprenderei sobre a gravidade?” Mileva riu, colocando o prato em cima da mesa.

“Se o quebrares, aprenderei algo sobre a paciência.” Bowie sorriu — ou algo que parecia um sorriso. Subiu para o parapeito da janela novamente, como se tivesse terminado o seu sermão científico. “Bowie,” chamou Einstein, “a gravidade é fascinante, mas a próxima vez que testares as tuas teorias, deixa o meu xadrez em paz.” O gato não respondeu. Apenas olhou para o horizonte, onde o sol começava a nascer, pintando o céu com cores que só ele parecia compreender. E naquele instante, Einstein percebeu que a gravidade era mais do que a curvatura do espaço-tempo.

Era uma questão de equilíbrio, de experimentação e, talvez, de uma curiosidade felina que nunca poderia ser plenamente descrita por equações.

CONTO · 17

Nos Ladrilhos do Sangue, o Gorila Sussurra à Cidade Perdida



Era uma manhã cinzenta, daquelas em que as nuvens parecem pesar mais do que o próprio céu. Caminhava distraído pelas ruas de uma cidade anónima, os olhos presos aos ladrilhos do passeio, quando, de repente, escorreguei. Foi como se o chão me tivesse puxado para um abraço frio e inesperado. Levantei-me devagar, com o joelho a latejar, e foi então que reparei: os ladrilhos estavam manchados de sangue. O sangue não era meu. Olhei ao redor, o coração já a acelerar. A poucos passos, encostado a um beco estreito, estava um gorila. Imponente, mesmo ferido.

Os seus olhos — enormes e escuros, quase humanos — fitavam-me com uma intensidade que parecia atravessar o tecido do tempo. Ele não rugia, não se movia

agressivamente. Apenas me olhava, como quem pede ajuda sem dizer uma palavra. “Como é que vieste parar aqui?”, perguntei, mais para mim mesmo do que para ele.

“Podias perguntar-me o mesmo,” respondeu uma voz serena atrás de mim. Virei-me. Ali estava ela, Jane Goodall, a mulher cuja vida foi dedicada aos primatas. O seu olhar era uma combinação de serenidade e urgência, e os seus passos eram tão leves que nem os tinha ouvido aproximar-se.

“Ele é meu amigo,” disse ela, como se isso explicasse tudo. E, na verdade, explicava. Levamos o gorila, que mais tarde chamaríamos Koba, para um pequeno abrigo improvisado que Jane mantinha numa antiga biblioteca abandonada. Lá dentro, entre estantes cobertas de pó e livros que já ninguém lia, ela tratou dos seus ferimentos com mãos firmes e gentis. Eu ajudava como podia, mas a maior parte do tempo ficava a observar. Entre eles havia algo que transcendia as palavras — um diálogo silencioso, tecido de olhares e gestos. Quando os curativos estavam feitos, Jane sentou-se ao lado de Koba e começou a falar. Não para mim, mas para ele.

“Sabes, Koba, os humanos têm uma maneira estranha de lidar com o mundo. Inventaram cidades e ladrilhos e depois esqueceram-se do chão onde tudo começou. Esqueceram-se da terra.” O gorila parecia ouvir. O seu peito subia e descia num ritmo lento, como se cada respiração fosse uma resposta.

“Tu, meu amigo,” continuou ela, “és uma lembrança do que esquecemos. És a força da floresta, o pulsar do mundo antes de nós.” Eu não sabia o que dizer. Sentia-me um intruso naquele diálogo, mas também um aprendiz, uma testemunha de algo sagrado. Mais tarde, quando a noite caiu, Jane deixou-me sozinho com Koba.

Disse que precisávamos de “nos conhecer”. Sentei-me no chão, a alguma distância, e tentei quebrar o silêncio.

“Então, Koba, o que faz um gorila como tu numa cidade como esta?” Ele olhou para mim, e por um momento achei que ia falar. Não com palavras, claro, mas com aquele tipo de comunicação que vem de um lugar mais profundo. “Eu não escolhi isto,” disse ele, na minha imaginação.

“Os ladrilhos, os carros, o barulho... tudo isto nos empurra para longe. Mas onde é que podemos ir, se cada pedaço de floresta se transforma nisto?” Fiquei sem palavras, mas ele não parecia esperar uma resposta. Em vez disso, olhou para o céu através de uma janela partida. As estrelas estavam escondidas pelas luzes da cidade.

“Sabes,” continuei, tentando preencher o vazio, “acho que nós, humanos, escorregamos muitas vezes. Escorregamos na nossa própria arrogância, na nossa pressa, no sangue que deixamos pelo caminho. Talvez estejas aqui para nos lembrar de algo.” O gorila voltou-se para mim, os olhos cheios de uma sabedoria que eu nunca encontraria em nenhum livro. Talvez ele estivesse a dizer que eu tinha razão. Ou talvez estivesse apenas a julgar o meu monólogo desajeitado. Quando Jane regressou, trazia consigo um saco com frutas frescas. Koba pegou numa banana com uma delicadeza surpreendente, e por um instante, todos nós parecíamos fazer parte de algo maior. Algo antigo e profundo, como a própria floresta.

“Ele vai recuperar,” disse Jane, com um sorriso que iluminou a sala. “Mas não sei se a cidade vai.” “Talvez Koba esteja aqui para nos salvar,” arrisquei, meio a brincar. “Ou talvez,” respondeu ela, “sejamos nós que precisamos de aprender com ele.” Olhei para o gorila,

para os seus olhos escuros e insondáveis. E percebi que, mesmo ali, naquele abrigo improvisado, ele carregava consigo o eco de um mundo inteiro — um mundo que estávamos a perder, ladrilho por ladrilho. Na manhã seguinte, quando acordei, Koba já não estava.

Jane também tinha partido, deixando apenas um bilhete: “Cuidar do mundo começa por cuidar de quem nos rodeia.” Saí para a rua e olhei para os ladrilhos do passeio. Ainda estavam manchados de sangue, mas o sol iluminava-os de uma forma que os fazia parecer menos frios. E por um momento, quase consegui ouvir o som das árvores, muito ao longe, como um sussurro vindo do coração da floresta.

CONTO · 18

A Dança Silenciosa Entre o Electrão e o Vírus



No início, havia silêncio. Não o silêncio absoluto, mas aquele preenchido por vibrações quase imperceptíveis, as oscilações de algo mais profundo. Ali, no espaço invisível entre a matéria e a vida, um electrão movia-se em círculos infinitos, em torno de um núcleo que jamais questionava. Para ele, o movimento era tudo, o seu sentido. Contudo, naquele dia, o vazio foi interrompido.

“Tu és tão pequeno quanto eu imaginava”, disse o vírus. A sua voz era frágil, mas carregava uma estranha confiança, como se soubesse algo que o electrão jamais compreenderia. “E tu és um intruso”, respondeu o electrão, sem interromper o seu giro perpétuo. “O que fazes aqui, no meu universo?” O vírus suspirou — ou algo parecido.

“Estou aqui porque a vida e a morte se entrelaçam, e eu danço nessa linha fina. Diz-me, pequeno viajante circular, o que é para ti a felicidade?” O electrão hesitou. Nunca ninguém lhe fizera uma pergunta tão directa. Ele sabia girar, sabia existir no limite da probabilidade, mas felicidade? Esse conceito pertencia a outros reinos.

“Felicidade”, começou, “é manter o meu curso. É o equilíbrio de forças. O campo eléctrico que me guia, o magnetismo que me atrai. Não há desvios, apenas o caminho que sempre segui. E para ti?” O vírus sorriu, embora o electrão não pudesse ver. “A felicidade para mim é mais… efémera. É o instante em que encontro uma célula e me multiplico. Quando me torno algo maior, ainda que momentâneo. É breve, talvez insignificante aos olhos do universo, mas para mim, é tudo.” “Multiplicar-te?”, perguntou o electrão, intrigado.

“Isso não é um tipo de morte? Quando te divides, deixas de ser o que eras.” “E quando giras, és sempre o mesmo?”, devolveu o vírus. “Ou o teu movimento constante não te transforma de alguma forma?” O electrão sentiu-se vulnerável. Ele, que sempre se orgulhara da sua simplicidade, agora confrontava uma ideia que não podia decifrar. Era possível que a mudança também o afectasse, mesmo sendo apenas um ponto de energia num vórtice cósmico?

“Há algo de belo na morte”, continuou o vírus. “Quando uma célula morre, liberta espaço para outra vida. Quando um organismo morre, devolve-se à terra, ao ciclo eterno. A felicidade de uma boa morte só é comparável à alegria de uma vida bem vivida.” O electrão, silencioso, girou mais devagar.

“Mas tu, vírus, não vives verdadeiramente. És apenas um fragmento de código, um parasita.” “E o que és tu, senão um fragmento de energia, dependente de forças

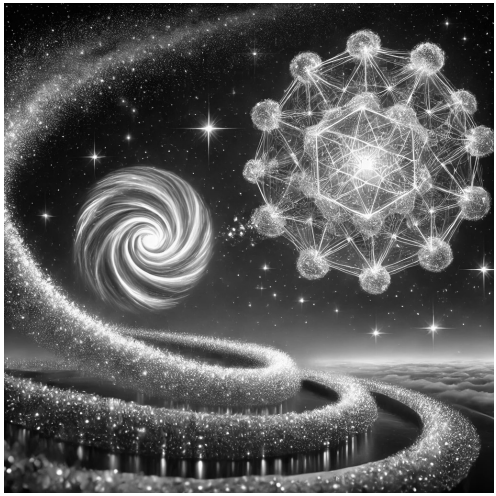
que nem compreendes completamente?”, retorquiu o vírus. “Somos mais parecidos do que imaginas. Ambos existimos porque algo maior nos sustenta. O universo dança connosco, e nós dançamos nele.” Por um momento, ambos ficaram em silêncio, imersos no vazio que os envolvia. O electrão continuava o seu movimento em espiral, e o vírus pairava, esperando o próximo momento para se tornar algo mais.

“E se não houver diferença entre vida e morte?”, perguntou finalmente o electrão. “E se tudo for apenas uma transição?” “Então, pequeno viajante, talvez a felicidade resida em aceitar essa transição”, respondeu o vírus, num tom que parecia um sussurro distante. “Talvez não haja um fim, apenas novos começos.” O electrão não respondeu. Limitou-se a girar, mas algo nele parecia diferente. O movimento continuava, mas agora parecia mais consciente, como se cada volta trouxesse uma nova compreensão. E assim ficaram, electrão e vírus, dois viajantes na vastidão do cosmos, debatendo a vida, a morte e o que significa ser feliz.

Naquele momento, entre os seus mundos microscópicos, a vastidão do universo parecia tão pequena quanto uma célula, tão infinita quanto o brilho de uma estrela.

CONTO · 19

O Esparguete Cósmico e o Elevador do Infinito



O elevador parou subitamente, balançando como se o próprio universo tivesse dado um soluço. Lá dentro, um elefante, um tigre e um coelho partilhavam o pequeno espaço, os seus reflexos multiplicando-se no metal polido das paredes. Cada um carregava um crachá com o logótipo da conferência: “Rovelli e os Mistérios da Gravidade Quântica.” Lá fora, a cidade de Nova Iorque continuava a pulsar, indiferente ao facto de que, a meio de um arranha-céus, três seres improváveis estavam prestes a mergulhar em discussões que transcenderiam a física e a filosofia. O tigre, com as listas que pareciam traços de um pincel apressado, foi o primeiro a romper o silêncio. — Esparguete cósmico, hein?

Foi isso que li no resumo da conferência. Que ideia é essa de que o universo não passa de tiras de massa a

flutuar? O elefante, com a calma majestosa que apenas décadas de vida podem trazer, suspirou. — É uma metáfora. Rovelli acredita que a gravidade quântica é como um emaranhado de linhas que interagem entre si, um tecido que sustenta tudo o que existe. Esparguete… é uma maneira poética de dizer que o universo não é sólido, mas entrelaçado, como a tua pele marcada por listas, tigre. O coelho, pequeno e de olhos que brilhavam como estrelas ansiosas, inclinou a cabeça. — E se for verdade?

Se o universo for realmente feito de esparguete? Já pensaram na textura disso? Quero dizer, somos apenas pequenos pedaços de molho presos entre as tiras. O tigre riu-se, mas havia algo nos olhos do coelho que o fez hesitar. — Tens uma maneira peculiar de ver as coisas, coelho. Mas o que me intriga é: se tudo é esparguete, onde está o cozinheiro? Quem pôs a panela ao lume? O elefante meneou a cabeça, ponderando. — Talvez não haja cozinheiro. Talvez o esparguete exista por si só, sem origem, sem fim. É como o tempo. Não o podemos segurar, mas ele está lá, enredado connosco.

O coelho deu um salto pequeno, como se a gravidade tivesse diminuído por um instante. — Ou talvez o tempo seja a água que ferve o esparguete! E nós, que achamos que estamos a viver em linhas rectas, estamos na verdade a girar em círculos na panela. O elevador estremeceu, e por um breve momento, todos se calaram. A luz piscou, lançando sombras estranhas que os transformavam em figuras míticas. O tigre olhou para o elefante, com um tom de desafio. — Elefante, tu que carregas a memória de séculos, diz-me: acreditas que há um propósito? Ou estamos todos só a escorregar pelas linhas do esparguete, à espera de cair do garfo?

O elefante fechou os olhos, mergulhando numa lembrança de longínquas savanas, do cheiro da terra molhada e do som de outros elefantes ao longe. — Propósito, tigre, é uma palavra humana. Nós, os animais, vivemos no presente. Não pensamos em propósitos. Mas aqui estamos, no mesmo elevador, no meio desta cidade absurda. Talvez o propósito seja simples: ouvir, aprender, partilhar. O coelho, que estava a lamber uma pata imaginária, ergueu as orelhas. — E se o propósito for apenas imaginar? Como estamos a fazer agora? Imaginar esparguete, cozinheiros, o tempo como uma panela. Talvez a imaginação seja a única coisa que nos separa do vazio.

O elevador voltou a estremecer, mas desta vez começou a mover-se. Lentamente, subia, enquanto os três viajantes olhavam para os números a mudar no painel. Quando o elevador parou no andar da conferência, as portas abriram-se para uma sala cheia de luz, onde vozes humanas discutiam teorias complexas sobre cordas cósmicas e gravidade quântica. O tigre olhou para o elefante e o coelho. — Prontos para ouvir Rovelli explicar por que somos todos esparguete? O coelho riu-se. — Talvez ele diga que somos almôndegas. O elefante, com um sorriso subtil, liderou o caminho. — Vamos descobrir. Afinal, o esparguete, com ou sem molho, está lá para ser apreciado.

E juntos, entraram na sala, prontos para explorar os mistérios de um universo que, mesmo na sua complexidade, podia ser resumido à simplicidade reconfortante de um prato de massa.

CONTO · 20

O Elefante Que Sonhava Ser Uma Pulga Que Sonhava Ser Um Elefante



A pulga saltava, saltava e saltava. Saltava tanto que parecia não ter peso, nem limites, nem fim. No pêlo do cão, fazia o seu palco. Mas o cão, por sua vez, não a notava, ocupado como estava a seguir os passos do gato. O gato, de olhar astuto, não perseguia nada. Apenas se deixava perseguir porque, afinal, era isso que fazia sentido para ele. O gato espreitava o rato, mas o rato não fugia. Talvez porque soubesse que não havia necessidade. Ou talvez porque, no fundo, estava mais preocupado com o corvo. O corvo, escuro como a noite, voava baixo, sobrevoando um cavalo que pastava num campo vazio.

Mas o campo não era realmente vazio, porque uma tartaruga lenta mas determinada cruzava-o como quem

transporta séculos de histórias às costas. A tartaruga olhava de longe para o crocodilo que dormia junto ao rio. E o crocodilo? Sonhava. Sonhava com o elefante. Ah, o elefante! Majestoso, imenso, uma montanha viva. Mas o elefante não sabia ser elefante. Olhava para o céu, onde o falcão voava, e perguntava-se como seria ver o mundo de cima. Porque, para o elefante, ser tão grande era uma prisão. A formiga, que trabalhava incessantemente ao seu lado, riu-se ao ouvir isto.

“Eu trocava tudo por um dia como elefante,” pensava a formiga, carregando uma folha dez vezes maior do que ela. A aranha, tecendo a sua teia nas folhas do arbusto, escutava os pensamentos da formiga. “Tolo é quem deseja ser o que não é”, pensava, enquanto o seu fio brilhava ao sol como uma harpa invisível. E o sol? O sol estava a ser observado pela coruja. A coruja, sábia mas silenciosa, parecia compreender tudo, mas nada dizia. Preferia observar o guaxinim, que revirava os caixotes do lixo à procura de um jantar esquecido. No fundo do mar, a baleia ouvia o eco do mundo terrestre.

Ouvia o riso da hiena na savana, o uivo do lobo na floresta e até o guincho do porco numa quinta distante. E cada som fazia a baleia lembrar-se do golfinho, que saltava nas ondas e lhe dizia que não havia diferença entre o céu e o mar. O pinguim caminhava desajeitado sobre o gelo, enquanto o urso polar observava, sem pressa.

“Tudo é relativo,” pensava o urso, antes de voltar a deitar-se na neve. E, na neve, o coelho fazia pegadas que pareciam histórias. Mas histórias que ninguém lia. O papagaio, numa gaiola ao longe, repetia frases que não compreendia. Mas será que não compreendia? Talvez fosse o único que entendesse que tudo é um ciclo, e que cada animal perseguia outro, como numa dança sem fim.

E assim, o rato olhava para o gato, que olhava para o cão, que não via a pulga, que sonhava ser elefante, que queria ser falcão, que invejava a liberdade do rato. Um ciclo. Um espelho. Uma repetição. Porque, no fundo, o conto não tem fim.

Não tem fim porque a pulga continua a saltar, a saltar e a saltar. Porque o elefante continua a sonhar, a sonhar e a sonhar. Porque a história não termina. Nunca termina. Repete-se, repete-se e repete-se. E quem disse que precisava de um fim? Porque a história não termina. Nunca termina. Repete-se, repete-se e repete-se. E quem disse que precisava de um fim? A história não termina. Nunca termina. Repete-se e repete-se. Precisa de um fim? A história não termina. Repete-se, repete-se. Um fim? A história repete-se. Repete-se. Fim? Repete-se. Repete. Fim. Repete. Repe. Fim.



O COSMOS CONTINUA A CONVERSA.

ÍNDICE REMISSIVO

Nomes, lugares, seres e ideias

Abbey Road · 8
Albert Einstein · 48
Alex · 14, 15, 16
Alva · 12, 17, 18, 27, 31, 32
Arne Naess · 7
Bach · 36
baleia · 3, 35, 36, 37, 62
Beatles · 8
Big Bang · 9
Bowie · 48, 49, 50
Brian Eno · 12
Cabo Verde · 20
Café Aurora · 38, 40
Cage · 9
consciência · 11, 12, 37, 42
cosmos · 3, 4, 47, 57
crocodilos · 6
Donald Trump · 17
ecologia profunda · 7
Eddington · 11
Einstein · 3, 48, 49, 50
electrão · 55, 56, 57
elefante · 58, 59, 60, 61, 62, 63
elevador · 4, 58, 59, 60
esparguete cósmico · 3, 58
Facebook · 9, 23
filosofia · 3, 11, 38, 40, 42, 58
Frank Zappa · 44
Gaza · 6, 18
gravidade · 3, 12, 28, 38, 48, 49, 50, 58, 59, 60
Gutenberg · 14
Humanidade · 15, 16
IA · 15, 16, 18, 53
infinito · 3, 4, 24
John Cage · 9
Laurie Anderson · 44
leão · 20, 21, 22
Lua · 20, 31, 33, 34, 41, 42
Messiaen · 5

Murakami · 5
música · 5, 24, 26, 38, 39, 40, 44, 45, 46
Nada · 5, 8, 9, 61, 62
palavras · 7, 12, 14, 16, 18, 23, 29, 30, 31, 32, 39, 46, 52, 53
pampsiquistas · 12
pinguim · 3, 35, 36, 37, 62
poesia · 3, 29, 30, 31, 32, 38, 39, 40, 45
Ricardo · 35, 36, 37
Rui · 38, 39, 40
Safo · 29, 30
Satie · 8
silêncio · 9, 12, 14, 16, 19, 21, 24, 25, 26, 29, 30, 31, 32, 36, 39, 43, 44, 46, 48, 49, 52, 55, 56, 58
Sol · 5, 7, 8, 26, 30, 31, 32, 33, 34, 37, 43, 50, 54, 62
tartaruga · 20, 21, 22, 61
tecnologia · 14, 15, 36
universo · 3, 4, 12, 17, 24, 36, 42, 55, 56, 57, 58, 59, 60
vírus · 55, 56, 57
Young Yang · 12, 27, 31, 32
Zurique · 48